

3

A realidade humana

No capítulo anterior, fizemos uma apresentação dos principais temas da filosofia zubiriana, imprescindível para compreender a direção do problema de Deus em Zubiri. Aqui, apresentaremos os traços de sua antropologia filosófica e, ao chegarmos ao núcleo da mesma, entraremos de cheio no problema da realidade divina: “Antes de tratar diretamente do problema de Deus é preciso ocupar-se da concepção zubiriana do homem [...] A realidade do homem e seu mundo serão o ponto de partida e o sistema de referência no momento de afrontar o problema de Deus”¹. Pois “temos de partir de uma análise da realidade humana para nela descobrir o problema de Deus. E não tratar de partir da existência de Deus e desde esta afirmação fazer do homem objeto de uma consideração teológica. Isto seria pura teoria”².

Como toda realidade, segundo Zubiri, o homem tem dois momentos: o de ser constituído por determinadas notas – momento da *talidade* – e o de ter uma forma de realidade e um modo de implantação na realidade. A análise da realidade humana há de iniciar-se, então, pela de suas notas.

3.1.

As notas da realidade humana

O homem tem um grupo de notas que constituem o que chamamos de sua “vida”: todo vivente possui certa independência do meio e um controle específico sobre ele; o vivente é um “si mesmo”. Além disso, o homem é um vivente “animal”: tem a função de sentir, que é o formalmente essencial do animal e consiste em ter impressões; e estas impressões têm dois momentos: o do conteúdo e o da alteridade – que é de estimulidade nos animais não humanos e de realidade no homem. Finalmente, o homem tem “inteligência”, apreende as coisas como reais, como são *de suyo*. Resumindo: para Zubiri, o homem tem três tipos de notas: ele vive, sente e entende sencientemente.

O sistema substantivo humano é formado por dois subsistemas parciais, que constituem um único sistema, o da substantividade humana: o subsistema

¹ MILLÁS, *A realidade de Dios: su justificación y sentido em Xavier Zubiri y Javier Monserrat*, p. 75.

² GÓMEZ CAMBRES, G. *La realidad personal: Introducción a Zubiri*, p. 191.

chamado “corpo”, que é um subsistema de notas físico-químicas; e o chamado “psique”, que possui caracteres irreduzíveis ao subsistema corpóreo e em muitos aspectos tem certa dominância sobre este. Entretanto, o homem não tem psique e organismo, mas é psico-orgânico; nem organismo nem psique têm cada qual substantividade. Não se trata da unidade substancial hilemórfica de Aristóteles, mas de “uma ‘relação’ de co-determinação mútua em unidade coerencial primária, isto é, há unidade de estrutura, não unidade de substância”³. A atividade humana é unitariamente psico-orgânica em todos os seus atos: “O momento psíquico se transfunde a toda nota corpórea, e reciprocamente, a corporeidade [...] é um momento que concerne ao próprio psiquismo”⁴.

O homem vive e sente, como todo animal é um vivente animado. O animal não se esgota em sentir estímulos, mas a estimulidade constitui o âmbito em que se desenvolvem os diversos atos animais. Cada ato de sentir tem três momentos, já vistos: um momento de suscitação, um momento de modificação tônica e um momento de resposta ou, como Zubiri descreve no livro *El hombre y Dios*, um momento de estimulação, um momento de afecção e um momento de tendência⁵. A estimulação modifica o tom vital do estado do animal e esta modificação desencadeia no animal uma tendência ou impulso à afecção. A unidade destes três momentos constitui o sentir. No homem, a formalidade da apreensão impressiva é “realidade” e não estimulidade: “na intelecção está presente o real, o *de suyo* do real; está presente o real com sua suficiência e autonomia próprias”⁶. Trata-se de um sentir intelectual. Da mesma forma que ocorre com os animais, a formalidade, desta vez de realidade, constitui o âmbito onde se desenvolvem os atos humanos. O homem sente a modificação tônica sentindo-se de um modo ou outro na realidade. A afecção tônica é um modo de sentir-me como realidade na realidade, constituindo o “sentimento”. A apreensão do real ao modificar meus sentimentos me lança a responder, já não tendendo estimulicamente a uma nova situação animal, mas situando-me realmente de outra maneira na realidade, para o qual devo “optar”, de modo que a tendência dá lugar à “volição”. Pela volição se quer um modo de estar na realidade. A unidade processual animal é constituída pela estimulação, pela afecção tônica e pela tendência e a unidade processual humana é

³ ZUBIRI, X. *El hombre, realidad personal*, p. 25.

⁴ Id., *El hombre y Dios*, p. 42.

⁵ Cf. *Ibid.*, p. 45.

⁶ MILLAS, op. cit., p. 78.

constituída pela apreensão do real, pelo sentimento do real e pela volição do real. A unidade animal é constitutiva da unidade humana; sentir a realidade “não significa a supressão do animal”⁷, mas a inteligência é “senciente”, o sentimento é “afetante” e a vontade é “tendente”: “O humano enquanto tal é em si mesmo formal e constitutivamente animal”⁸, mas um animal que se enfrenta com a realidade: é “animal de realidades” e esta é, segundo Zubiri, a essência da realidade humana, a qual tem uma forma e um modo próprio de realidade.

3.2. Forma e modo da realidade humana

A realidade humana não se esgota no sistema de notas, em ser animal de realidades, mas em virtude destas notas, tem uma estrutura mais radical. Primeiramente, estas notas fazem do animal de realidades uma forma de realidade e um modo de implantação nesta. Depois, esta realidade humana, segundo sua forma e modo de realidade, é atual no mundo, tem um ser próprio.

O homem atua não só desde o ponto de vista das qualidades físico-químicas e psico-orgânicas, mas a respeito de seu próprio caráter de realidade. E a realidade humana é a que “me” é própria, “minha” própria realidade; não sou apenas *de suyo*, mas “meu” e a isto Zubiri denomina “suidade”, a forma da realidade humana enquanto real: “Este caráter de pertencer-se a si mesmo é justamente a razão formal da ‘personeidade’, ou seja, o modo de ser pessoa como forma de realidade”⁹. Assim, o homem é um “animal pessoal”. As modulações concretas que esta personeidade vai adquirindo é a “personalidade”, figura segundo a qual a forma de realidade vai se modelando em seus atos, momento de concreção da personeidade: “a personalidade é a maneira concreta de ser pessoa, é o modo de personeidade que se vai modulando e adquirindo ao longo do decurso vital”¹⁰. A personalidade é, segundo Zubiri, questão metafísica, não é questão de psicologia ou antropologia empírica. A personeidade é sempre a mesma; a personalidade vai se formando até a morte.

O homem, como todo vivente, se caracteriza, segundo Zubiri, por um modo de implantação no cosmos que tem certa independência – a qual é distinta

⁷ Ibid., p. 80.

⁸ ZUBIRI, *El hombre y Dios*, p. 46.

⁹ ORTEGA, F. *La teología de Xavier Zubiri*, p. 192.

¹⁰ Ibid., loc. cit.

segundo o grau de vida e a forma do vivente – e controle do meio. Como vivente forma parte da realidade. Mas no caso do homem, há algo mais que mera independência: o homem é “seu”, é sua própria realidade frente a toda realidade real ou possível; está solto das coisas reais, possui um modo de realidade “absoluto”. Mas trata-se de um “absoluto relativo”, absoluto, pois é seu frente a toda realidade e relativo, pois seu modo de implantação é um caráter obtido:

O homem é absoluto por sua implantação na realidade, que o situa frente a toda outra realidade. Mas é um absoluto relativo, pois o estar frente a toda realidade é algo obtido, algo que foi adquirido no processo de configuração da realidade pessoal¹¹.

O homem vai definindo o modo segundo o qual sua realidade é relativamente absoluta. Isso implica na “gravidade” de todo ato: “os atos que o homem vai efetuando em sua vida têm uma transcendência decisiva: vão configurando a personalidade do homem, a figura concreta da realidade humana”¹². Desta forma, o homem encontra-se inquieto na vida, pois não sabe bem o modo concreto de ser absoluto:

tenho que optar voluntariamente por uma resposta, e por isso também o homem pode não saber que resposta é a melhor forma de operar, pode se encontrar perdido na realidade. Esta é a inquietude básica do viver, o não saber qual vai ser a forma concreta de minha própria realidade, a forma que vai adquirir minha realização pessoal ao responder opcionalmente na realidade¹³.

O ser do homem é a atualização mundanal de sua substantividade pessoal, de sua pessoa como modo de realidade relativamente absoluta: a isto Zubiri chama “Eu”. O “Eu” é o ser da pessoa. O relativamente absoluto “é” Eu; o Eu não é sujeito, mas predicado. O Eu não é um sujeito lógico nem um sujeito metafísico, mas a atualização mundanal da suidade pessoal. O Eu não é o primário, que é a realidade.

A especificidade é um caráter essencial à substantividade humana. Na filosofia clássica, a espécie seria um momento de unidade das realidades múltiplas; para Zubiri, trata-se de um momento intrínseco e formalmente pertencente a cada animal humano, segundo o qual este se multiplica: a espécie

¹¹ MILLAS, op. cit., p. 82.

¹² *Ibid.*, p. 83.

¹³ ORTEGA, op. cit., p. 195.

não unifica, mas pluraliza. Não há multiplicidade especificada, mas uma multiplicação constituinte, ao que Zubiri chama “gênesis”. A realidade humana é genética e neste momento genético consiste o princípio da co-determinação das pessoas, da constituição do Eu de cada pessoa. Este momento específico não se pluraliza em todas as notas da realidade humana em seu detalhe, mas só segundo um esquema de replicação estrutural, que é constitutivo de cada animal. Esta multiplicação genética segundo um esquema constitui um *phylum*. A espécie é a unidade filética dos indivíduos: ser de cada espécie é pertencer a tal *phylum*. Minha própria realidade envolve alguns caracteres que constituem o esquema de uma possível replicação: o código genético. Meu esquema é de um animal pessoal, de “outra” pessoa humana: minha substantividade está constitutiva e vitalmente vertida desde si mesma a outras pessoas. Minha própria realidade está afetada por seu próprio esquema e, portanto pelas outras pessoas. Os outros estão refluindo sobre mim por razão do organismo replicado e por sua presença a meu respeito. Cada pessoa é “sua”, absoluta frente a toda realidade enquanto tal, e está co-determinada por outras pessoas, por outros absolutos.

A meu próprio sistema substantivo pertencem as notas constitutivas do meu esquema genético. A refluência deste esquema em minha substantiva “realidade sendo” é a projeção de meu sistema inteiro nas notas do esquema. Essa projeção chama-se “dimensão”, a qual tem distintos aspectos dimensionais ou dimensões interpessoais, determinadas pela refluência esquemática dos “outros” sobre minha realidade. São três as dimensões interpessoais: o ser do homem é individual, social e histórico, mas não aprofundaremos nisto aqui, deixando-as apenas assinaladas¹⁴.

3.3. Como se é homem: as ações humanas

A vida do homem vai se plasmando em ações vitais, que são o argumento da vida: “cada ação é um momento de sua configuração como pessoa relativamente absoluta”¹⁵. O homem é “agente” de suas ações, que são atuações de suas potências e faculdades. Toda ação é própria do sistema substantivo inteiro. Além

¹⁴ Cf. ZUBIRI, *El hombre y Dios*, pp. 62-74.

¹⁵ MILLAS, op. cit., p. 84.

disso, a vida do homem não é só a que executa, mas a que lhe caiu por sorte; ele executa suas ações como “ator” delas. Finalmente, o homem poderia executar ações diversas, portanto, tem que “optar”, adotar uma determinada forma de realidade entre outras: o homem é “autor” de suas ações.

Como ator, autor e agente de sua vida, o ser humano vai determinando frente à realidade uma maneira de ser relativamente absoluta realizando-se em suas ações. As ações por isso são vitais, porque são a possessão de si mesmo, e através delas se vai configurando a vida pessoal como realidade relativamente absoluta. A pessoa vai se fazendo vivendo, e se realiza como *suidade* executando ações¹⁶.

Executando suas ações o homem cobra seu caráter de relativamente absoluto frente a tudo o demais e a todos os demais. É necessário que haja algo a respeito do qual se esteja “frente a”: o homem faz sua vida “com” as coisas, este é um momento que pertence à pessoa como absoluta. O homem vive “em” suas ações “com” as coisas. Estamos com as coisas “na” realidade: “A missão das coisas é fazer-nos estar na realidade”¹⁷.

O homem é pessoa por possuir inteligência senciente, cujo ato formal é impressão de realidade. A realidade é aquilo em que de fato e constitutivamente o homem se apóia para ser pessoa. Este apoio é “fundamento” da pessoa, em três sentidos. Primeiro, a realidade é algo último em minhas ações, apoio último de todas elas, e isso constitui o que Zubiri chama de “ultimidade” do real: “esta ultimidade do real o é, sobretudo, em ordem à ação, porque toda ação minha há de apoiar-se ultimamente na realidade”¹⁸. Em segundo lugar, o homem interpõe entre o que faz e ele mesmo um projeto de adotar uma forma de realidade, mesmo na mais simples das decisões. A realidade constitui a possibilidades de todas as possibilidades, possui um caráter “possibilitante”, possibilita que minha realidade seja humana: “ao optar entre possibilidades o homem adota uma forma de ser”¹⁹. Em terceiro lugar, o apoio da realidade é um apoio “impelente”: o homem tem que exercitar uma ação, tem que se realizar por uma imposição da realidade: “a realidade se impõe... impulsiona e exige ao homem realizar-se”²⁰, “estamos impelidos pela realidade a realizar-nos”²¹. Isto não é apego à vida, é o apoio a

¹⁶ LLENIN IGLESIAS, F. *La realidad divina: El problema de Dios en Xavier Zubiri*, p. 91.

¹⁷ ZUBIRI, *El hombre y Dios*, pp. 80-81.

¹⁸ LLENIN IGLESIAS, op. cit., p. 97.

¹⁹ ORTEGA, op. cit., p. 200.

²⁰ *Ibid.*, loc. cit.

²¹ LLENIN IGLESIAS, op. cit., loc. cit.

minha própria realidade. O homem vive “na” realidade, “desde” a realidade e “pela” realidade. A unidade intrínseca e formal dos três caracteres – “ultimidade”, “possibilitação” e “impelência” – constitui a “fundamentalidade do real”. A realidade funda meu ser pessoal segundo estes três caracteres e isso constitui um paradoxo: por um lado, ela é o mais outro que eu, já que me “faz ser”; por outro, é o mais meu porque o que faz é “minha realidade sendo”.

3.4. Fundamentalidade e poder do real

A realidade é o que me determina a estar “frente a” ela. Esta determinação é física, sem ser causa, e Zubiri a chama “dominação”. A realidade que nos faz ser realidades pessoais é “dominante”, exerce domínio sobre meu ser relativamente absoluto: “a realidade nos faz ser realidades pessoais, assim exerce um domínio sobre minha absolutez, e que por isso é relativa”²².

Não há realidade fora das coisas reais. Seu momento de realidade, entretanto, é “mais” que seu momento de *talidade*. Realidade é mais que as coisas reais, mas é mais nelas mesmas e isto é dominar. Este domínio é “poder”. A realidade é o “poder do real”: “este ser mais do momento de realidade na coisa real mesmo corresponde ao momento de dominância ou poder, que possui o real enquanto fundamento”²³. O poder se apodera daquilo sobre o que domina, então a dominância é “apoderamento”; o poder do real se apodera de mim e assim me faço pessoa: “a realidade é fundamento da realidade pessoal do homem porque pode exercer sobre ela um poder, por é um fato o poder do real... Precisamente o homem se faz pessoa graças ao exercício de um poder por parte do real”²⁴.

O poder é um momento do *de suyo* e é poder dominante em duas linhas: a das coisas reais, que aparecem como “poderosidades” (que são encontradas, por exemplo, nas religiões antigas em forma de deuses)²⁵; e a do momento mesmo da realidade enquanto real, não se tratando mais de poderosidades, mas do “poder do real” enquanto tal, como fundamento de minha realidade pessoal.

²² ORTEGA, op. cit., loc. cit.

²³ MILLÁS, op. cit. p. 87.

²⁴ Ibid., loc. cit.

²⁵ Zubiri (*El hombre y Dios*, pp. 90-91) descreve algumas das manifestações das poderosidades sem, entretanto, aprofundar no assunto.

O apoderamento pelo poder do real é um momento constitutivo de minha realidade pessoal, é uma espécie de apoio para ser real: “O homem [...] necessita que as coisas lhe façam fazer-se a si mesmo”²⁶. Nós não “vamos à” realidade, mas “viemos dela”. O apoderamento, ao apoderar-se de mim, me faz estar solto “frente” àquilo que se apoderou de mim. O apoderamento liga-nos ao poder do real para ser relativamente absolutos e a esta ligadura Zubiri chama “relição”: “O homem está religado ao poder do real e precisamente na religação acontece a fundamentalidade da realidade a respeito do homem”²⁷. Apoiamo-nos no poder do real religados a ele para sermos relativamente absolutos. A religação é um fato radical, é a raiz de que cada qual chegue a ser si próprio. Ela não é uma obrigação, nem um sentimento de dependência incondicional. A fundamentalidade acontece em religação ao poder do real.

A unidade do poder do real e da religação é o apoderamento e esta unidade tem três caracteres. Primeiramente, um caráter de “experiência”: o homem tem experiência²⁸ do que é o poder do real, do que é a realidade como poder. Em segundo lugar, a religação é “manifestativa” do poder do real: todo o real tem um elenco de notas que constituem sua riqueza e nas quais vai se atualizando a realidade da coisa inteira; e as notas nas quais o real se atualiza constituem sua dimensão manifestativa. Finalmente, o poder do real tem um caráter “enigmático”: toda coisa real impõe que adotemos uma forma determinada de realidade e aqui está o enigma, que é “um modo de significar o real, mas não declarando o que é, mas tão só indicando-o significativamente, como o faz um oráculo”²⁹.

Tudo que é apreendido humanamente é real, mas nenhuma coisa é “a” realidade. Temos que estar na realidade, mas nenhuma coisa real é aquilo em que estamos: “‘A’ realidade não é ‘esta’ coisa real, mas não é nada fora dela”³⁰. Realidade é um “mais” na coisa mesma. O homem está inquieto porque a realidade em que vive é enigmática. Esta inquietude se expressa em duas perguntas: “o que vai ser de mim?” e “que vou fazer de mim?”. Esta inquietude

²⁶ ZUBIRI, *El hombre y Dios*, p. 92.

²⁷ MILLAS, op. cit., p. 84.

²⁸ Experiência, para Zubiri, não é *aísthesis* (dado sensível), nem *emperia*, nem “experiência de vida”, mas “provação física” da realidade de algo. O vocábulo “físico” para Zubiri é sinônimo de “real”, em contraposição a “intencional”; indica as coisas “físicamente reais”.

²⁹ ZUBIRI, *El hombre y Dios*, pp. 96-97.

³⁰ *Ibid.*, p. 98.

pode ser vivida desviando-se e prescindindo dela, ou na angústia, ou na preocupação, mas o modo de vivê-la será a ocupação: o homem está ocupado em fazer-se pessoa, a inquietude é algo que emerge de mim mesmo.

Não se trata só de que o homem esteja inquieto porque busca a felicidade, o sumo bem, e não descansa até repousar nele, como nos dizia Santo Agostinho. Isto é certo, mas não é suficientemente radical. A realidade humana é constitutiva inquietude, porque a realidade na qual vive é enigmática e porque há de fazer sua vida problemáticamente³¹.

Em cada instante da vida o homem possui o que se chama “voz da consciência”, que dita o que deve ou não fazer. Esta “voz” sai do fundo da realidade do homem e “precisamente o fundo mais radical desta realidade é seu caráter absoluto”³². Não se trata de fundo no sentido de “profundo (psicanálise), como aquilo que possui representações arquetípicas que aparecem nos mitos... Fundo é minha intimidade, que não tem nada de oculto”³³. Ela me dita uma forma de realidade que devo adotar. Trata-se de uma forma de intelecção senciente; é uma remissão notificante à forma de realidade. Aquilo de que é notícia é a realidade: o homem é, nos diz Zubiri com reminiscências heideggerianas, a voz da realidade; a voz da consciência é o clamor da realidade, não informa apenas, mas nos lança para o poder do real como enigma: “enquanto que ‘clama’ nos está lançando fisicamente para o poder do real como enigma. É a voz do problematismo enigmático do real”³⁴.

O homem está lançado a ter que determinar a forma de realidade que adotará. Esta determinação é a “volição senciente”, que é determinação tendente de forma de realidade. O termo da volição não se apresenta como um objeto, mas como um “fundamentar” nossa realidade relativamente absoluta. A presença da realidade significa fundamentar. Não é “realidade-objeto”, mas “realidade-fundamento”. Não há dois momentos, um de realidade e outro de fundamentalidade, mas somente uma “realidade-fundamento”. A volição é adoção ou apropriação de uma possibilidade de forma de realidade. Trata-se de ter atualizada a realidade fundamentante; é “vontade de realidade”: “Na opção por

³¹ LLENIN IGLESIAS, op. cit., p. 102.

³² MILLAS, op. cit., p. 93.

³³ ROVALETTI, M. L. *La dimensión teológica del hombre: Apuntes em torno al tema de la religión em Xavier Zubiri*, p. 32.

³⁴ ORTEGA, op. cit., p. 205.

uma possibilidade de ser relativamente absoluto, o homem se enfrenta com seu fundamento”³⁵.

Enquanto atualizada em minha inteligência, a realidade é o que Zubiri chama “verdade”. A vontade de realidade é “vontade de verdade”. Verdade não é idêntico a realidade, mas é “verdade real”, atualização do real à diferença do atualizado. A verdade real tem distintos momentos. Primeiramente, ela é “ostensiva” da realidade e este é o momento ao que se ativeram os ocidentais desde os gregos. Um segundo momento é aquele no qual algo é real se responde ao que promete; é a verdade como “fidelidade”, sentido de verdade para os semitas – se para um grego verdade é “ser assim”, para um semita é “assim seja”. Há um terceiro momento, no qual a verdade real é o que “efetivamente está sendo”: é o momento de “efetividade”. A unidade destes três momentos é o que constitui a verdade real. A realidade-fundamento é verdade real segundo estes três momentos.

Em cada um de seus atos o homem está executando uma volição de verdade real, através da qual tem que adotar uma forma de realidade, que é, portanto, “optativa”. A vontade de verdade é “busca” de fundamento, da fundamentalidade do poder do real; é o que Zubiri chama de “experiência teologal”. Segundo Gregório Gómez Cambres, “esta vontade inexorável de verdade, à qual o homem se acha constitutiva e intrinsecamente vertido pela religação e pela construção de seu ser absoluto e pessoal, é justamente o problema de Deus”³⁶. O problematismo da realidade-fundamento não é algo que leva ao problema de Deus, mas é o “problema de Deus”, que pertence formal e constitutivamente à minha pessoa, à dimensão de minha pessoa religada intrínseca e formalmente ao poder do real. O problema de Deus não é um problema arbitrário ou do “mais além”, mas um problema que concerne à realidade mesma deste mundo e à nossa realidade pessoal nele; não é a investigação de algo fora do mundo, mas de algo que está na realidade que nos circunda, na minha realidade pessoal.

³⁵ SÁEZ CRUZ, J. *A acessibilidade de Dios: Su mundanidad y transcendencia en X. Zubiri*, p. 200.

³⁶ GÓMEZ CAMBRES, *Zubiri: El realismo transcendental*, p. 91.